



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**VALDIR MAURICIO DOS SANTOS**

**O ENVELOPE MULTIMODAL NA SÍNDROME DO ENCARCERAMENTO: UMA  
LEITURA DA OBRA *O ESCAFANDRO E A BORBOLETA***

**GUARABIRA – PB  
2021**

VALDIR MAURICIO DOS SANTOS

**O ENVELOPE MULTIMODAL NA SÍNDROME DO ENCARCERAMENTO: UMA  
LEITURA DA OBRA *O ESCAFANDRO E A BORBOLETA***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Letras.

**Área de concentração:** Estudos de Cognição e Linguagem.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Valdir Mauricio dos.  
O envelope multimodal na síndrome do encarceramento [manuscrito] : uma leitura da obra *o escafandro e a borboleta* / Valdir Mauricio dos Santos. - 2021.  
26 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.  
"Orientação : Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega , Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Síndrome do encarceramento. 2. Interação face a face.  
3. Envelope multimodal. I. Título  
21. ed. CDD 028.5

VALDIR MAURICIO DOS SANTOS

**O ENVELOPE MULTIMODAL NA SÍNDROME DO ENCARCERAMENTO: UMA  
LEITURA DA OBRA O ESCAFANDRO E A BORBOLETA**

Trabalho de Conclusão do Curso  
Licenciatura em Letras apresentado a/ao  
Coordenação/Departamento do Curso  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de graduado em Licenciatura em  
Letras.

**Área de concentração:** Estudos de  
Cognição e Linguagem.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila  
Nóbrega.

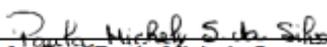
Aprovado em: 20/05/2021

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientador



---

Profa. Dra. Paula Michely Soares da Silva  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Examinadora



---

Profa. Dra. Andreza Aparecida Polia  
Universidade Federal Paraíba (UFPB)  
Examinadora

À Laura Helena, por me mostrar todos os dias o  
quão forte é a corrente de amor que nos une,  
DEDICO.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	ESTADO DA ARTE.....	07
3	METODOLOGIA.....	09
4	COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA.....	10
5	ATENÇÃO CONJUNTA.....	10
6	MULTIMODALIDADE.....	13
7	LOCKED-IN SYNDROME.....	14
8	LEITURA DA OBRA.....	17
9	ANÁLISE.....	18
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	24

## O ENVELOPE MULTIMODAL NA SÍNDROME DO ENCARCERAMENTO: UMA LEITURA DA OBRA *O ESCAFANDRO E A BORBOLETA*

Valdir Mauricio dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Há pessoas que, devido a complicações motoras graves, perderam a capacidade de falar e escrever. O presente trabalho tem por objetivo analisar os modos de linguagem que emergem na interação face a face entre adultos, em contexto de atenção conjunta na síndrome do encarceramento. Utilizou-se da pesquisa documental, a partir do livro de Jean-Dominique Bauby *Le scaphandre et le papillon* 1997, tradução de Clarisse Tavares *O escafandro e a borboleta* 2007. Ademais, para o alcance do objeto proposto, buscou-se, ainda, contribuições de estudos sobre a multimodalidade como a produção mesclada e conjunta de ações linguísticas. Nessa perspectiva, recorreu-se aos princípios da proposta do envelope multimodal como uma categoria de análise das diferentes emergências na produção de sentido, assim como estudos acerca do processo de referenciação multimodal, desenvolvidos no Brasil. O trabalho fundamentou-se em Farage Filho e Gomes (1982), Angelin et al (2020), Pereira et al (2021) e teóricos da linguagem, tais como: Ávila Nóbrega (2017, 2018), Melo (2015), entre outros. A pesquisa realizada revelou que para a comunicação em contexto de interação face a face a matriz gestual, na atenção conjunta, se mostra como um meio de interação efetiva.

**Palavras-chave:** Síndrome do Encarceramento. Olhar. Interação face a face. Envelope multimodal.

### ABSTRACT

There are people who, due to serious motor complications, have lost the ability to speak and write. This paper aims to analyze the language modes that emerge in face-to-face interaction between adults, in the context of joint attention in the incarceration syndrome. Documentary research was used, based on the book by Jean-Dominique Bauby *Le scaphandre et le papillon* 1997, translated by Clarisse Tavares the diving suit and the butterfly 2007. Furthermore, to reach the proposed object, contributions were also sought. studies on multimodality such as the mixed and joint production of linguistic actions. In this perspective, the principles of the multimodal envelope proposal were used as a category of analysis of the different emergencies in the production of meaning, as well as studies about the multimodal referencing process, developed in Brazil. The work was based on Farage Filho and Gomes (1982), Angelin et al (2020), Pereira et al (2021) and language theorists, such as: Ávila-Nóbrega (2017, 2018), Melo (2015) among others. The research carried out revealed that for communication in the context of face-to-face interaction with the gestural matrix, in joint attention, it is shown as a means of effective interaction.

**Keywords:** Incarceration Syndrome. To look. Face-to-face interaction. Multimodal envelope.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail:Valdir.mauricio2014@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O embasamento nas leituras realizada sobre a temática foi essencial para o despertar do desenvolvimento desse trabalho, que se deu a partir do conhecimento sobre a perspectiva multimodal da linguagem no componente *tópicos especiais em linguística* neste centro de humanidades. O tema surge como possibilidade de pesquisa após a leitura da obra *O escafandro e a borboleta*, quando percebemos as estratégias de comunicação criadas entre o paciente e a profissional de ortofonia<sup>2</sup>.

Dito isto, entendemos ter esse componente uma importância relevante para estudantes de letras, pois lhes proporciona reflexões sobre as possibilidades de funcionamento da linguagem, além dos aspectos verbais. Estes precisam de arcabouço teórico que os possibilite enxergar que a linguagem não é apenas para as pessoas “normais” e que existem sujeitos que possuem necessidades específicas, quanto ao funcionamento linguístico. Desse modo, o curso oferta teorias que permitem aos discentes uma melhor preparação para lidar com o público que, por vezes, é bastante heterogêneo. Mas, é pertinente ressaltar que os mesmos precisam se dedicar e tornar relevante o ensino ofertado pela academia.

Dada a relevância da temática escolhida, o desenvolvimento dessa pesquisa se baseia ao perceber que investigações referentes a interação de pessoas acometidas pela síndrome do encarceramento ainda são escassas, principalmente, quando nos referimos a trabalhos que investigam a interação face a face com esses sujeitos.

Estudos dessa natureza podem vir a contribuir para que pesquisas futuras, de caráter multimodal, sejam desenvolvidas e auxiliem na reflexão sobre as possibilidades de criarmos alternativas de interação com pessoas acometida por patologias, as quais apresentam como sequelas distúrbios motores graves e/ou comprometem a oralização e escrita. Assim, esse trabalho serve como contributo para profissionais da linguagem e estudantes.

Diante a isto, é considerável apresentar algumas questões que nortearam a nossa pesquisa: Quais estratégias de interação são desenvolvidas pela profissional de ortofonia? Quais as estratégias que o adulto atendido desenvolve para produzir sentido? Quais são os gestos que emergem?

Neste sentido, partimos da hipótese de que ao serem diagnosticados com a síndrome do encarceramento, muitas vezes, esses sujeitos são postos a margem por alguns profissionais da equipe multidisciplinar, enxergando-os como alguém impotente ou mesmo um corpo passivo e inerte. Em consequência, os procedimentos de atenção estão, na maioria das vezes, relacionados somente aos cuidados clínicos e de higiene. Todavia, a pessoa acometida continua capaz e sentindo a necessidade de interagir com o mundo ao seu redor, para tanto desenvolver modos alternativos de interação é fundamental lhes dando autonomia e melhorando o prognóstico.

Em consequência as pesquisas, para o trabalho ter a coesão do objetivo a ser alcançado, buscou-se analisar os modos de linguagem que emergem na interação face a face entre adultos, em contexto de atenção conjunta na síndrome do encarceramento. Utilizou-se da pesquisa documental a partir do livro de Jean-Dominique Bauby *Le scaphandre et le papillon* 1997, tradução de Clarisse Tavares o *escafandro e a borboleta* 2007. Os objetivos específicos foram: verificar os contextos de interação que a pessoa acometida estabelece com a equipe multidisciplinar,

---

<sup>2</sup> Ortofonia foi o termo usado, à época, para se referir ao que hoje conhecemos por fonoaudiologia.

familiares e amigos; identificar, através de levantamento de dados, estudos que tratam da comunicação desses sujeitos e, por fim, identificar se as pesquisas encontradas abordam a interação face a face.

A obra *O escafandro e a borboleta* foi escrita e publicada, originalmente, na França com o título *Le scaphandre et le papillon*, em 1997. Seu autor, Jean-Dominique Bauby, utiliza uma simbologia fortíssima para o título. Após realizada a leitura, podemos refletir sobre a vida de alguém com síndrome do encarceramento, sob a visão da pessoa acometida. Escafandro *versus* borboleta representando uma relação de oposição entre o mundo físico e o das ideias. O primeiro representa a inércia do seu corpo e a última, a sua mente como única forma de fugir do seu cárcere.

O mais antigo registro sobre as características da locked-in syndrome, como foi inicialmente conhecida essa patologia, provém da literatura francesa e pode ser encontrado na obra *O Conde de Monte-cristo*, de Alexandre Dumas, datada de 1845. A ciência, porém, só mais tarde define esse termo, em 1966. Em 1979, novos estudos trazem mais contribuições sobre essa patologia ainda pouco estudada, até então (ANGELIN et al. 2020; BAUBY, 2007).

Essa síndrome se caracteriza principalmente pela perda da capacidade dos movimentos voluntários dos membros e de todos os músculos do corpo, com exceção de alguns movimentos do olho. Apesar de ser uma condição rara, várias são as causas que podem levar alguém desenvolver essa patologia (FARAGE FILHO; GOMES, 1982).

## 2 ESTADO DA ARTE

Com o objetivo de situar-se dentro da temática, para melhor compreender como as pesquisas sobre a pessoa acometida com essa síndrome vêm sendo desenvolvidas, fizemos um levantamento na base de dados das plataformas Lilacs, SciELO e BDTD, no idioma português, compreendendo os resultados no período entre 2011 e 2021 (últimos dez anos). Quanto aos critérios de seleção, nesta busca, foram considerados estudos cujo tema e objetivo abordassem a comunicação na síndrome do encarceramento.

Inicialmente, utilizamos alguns descritores tais como: Síndrome do encarceramento e linguagem; Síndrome do encarceramento e comunicação; Síndrome do encarceramento e interação, as duas primeiras plataformas, porém, não apresentaram resultados. Então, para tornar nossa busca menos restritiva, usamos apenas o termo “Síndrome do encarceramento” para facilitar a varredura do sistema, assim, ele retornou os resultados nos quais esses termos se apresentaram em sequência.

Na base da SciELO, encontramos dois (2) resultados que foram descartados pelo filtro “ano de publicação”. Na Lilacs, encontramos outros dois (2), dos quais um (1) deles foi descartado pelo filtro “ano de publicação”. Fizemos a leitura do título e do resumo do outro e percebemos que se pautava em relatar um quadro clínico, vale destacar que um (1) dos artigos se encontra repetido em ambas as plataformas.

A BDTD foi a que mais nos retornou resultados sobre a temática. Encontramos seis (6) estudos, dos quais um (1) foi descartado, após a aplicação do filtro “ano de publicação”. Outros dois (2) também foram, após a leitura do título e do resumo. Dessa maneira, dos dez (10) resultados encontrados, ficamos apenas com três (3) pesquisas (duas teses e uma dissertação), que buscam resultados para a

comunicação da pessoa com síndrome do encarceramento. As quais apresentamos a seguir distribuídas em um quadro.

**Quadro 1:** Distribuição dos estudos segundo título, autor, ano de publicação e objetivo.

<p><b>Título:</b> <i>Por uma clínica psicanalítica possível na esclerose lateral amiotrófica.</i>  <b>Autor/ano:</b> CALADO, Everton Fabrício, 2020.  <b>Objetivo:</b> Partimos assim do objetivo de investigar as possibilidades de uma clínica psicanalítica junto a sujeitos acometidos pela ELA em situação de síndrome do encarceramento.  <b>Plataforma:</b> BDTD</p>
<p><b>Título:</b> <i>A interação entre interface cérebro computador e sujeito com incapacidade motora grave para comunicação.</i>  <b>Autor/ano:</b> DUSIK, Luciano Claudio, 2018.  <b>Objetivo:</b> Então, essa pesquisa investigou como uma Interface Cérebro Computador (ICC) pode facilitar a comunicação alternativa de sujeitos com incapacidade motora grave.  <b>Plataforma:</b> BDTD</p>
<p><b>Título:</b> <i>Aprendizado profundo e interface cérebro-computador.</i>  <b>Autor/ ano:</b> RAMPAZZO, Willian, 2019.  <b>Objetivo:</b> Os resultados promissores obtidos por DCNNs<sup>3</sup> em diferentes áreas indicam que há potencial para empregá-las na tarefa de processamento de sinais cerebrais em sistemas BCI<sup>4</sup>. Este trabalho explora o uso destas redes em uma BCI baseada em potenciais visualmente evocados em estado estacionário (SSVEP, do inglês, Steady State Visually Evoked Potentials), investigando, inicialmente, se formatos diferentes de entrada, como o sinal bruto ou uma transformação do sinal, a exemplo, a transformada de Fourier de tempo curto, influenciam no desempenho das DCNNs.  <b>Plataforma:</b> BDTD</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2021).

Após a análise dos estudos apresentados acima, ao ler os títulos e os objetivos de cada pesquisa, percebemos uma escassez de estudos sobre a temática, em relação a linguagem na síndrome do encarceramento, principalmente no que diz respeito a interação face a face. Dos resultados selecionados, dois (2) estão pautados na área da comunicação alternativa e aumentativa buscando desenvolver ou analisar meio alternativos de interação para sujeitos com complicações motoras graves.

O outro está pautado na perspectiva psicanalítica e tem por objetivo investigar as possibilidades de uma clínica para pessoas com esclerose lateral amiotrófica (ELA) em estado de síndrome do encarceramento. Esse estudo foca as questões do

<sup>3</sup> Deep Convolutional Neural Networks (DCNNs) é uma rede neural capaz de aprender filtros básicos e combiná-los, através de reconhecimento padrão, podendo ser usado no processamento dos sinais cerebrais para o auxílio de usuários do sistema BCI.

<sup>4</sup> Brain Computer Interface (BCI) é um sistema que mede a atividade cerebral, permitindo a comunicação entre o cérebro e dispositivo (interação cérebro-computador).

cuidado e da comunicabilidade, sob o ponto de vista da psicanálise e da psicologia, com forma de diminuir o sofrimento psíquico daqueles sujeitos.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo se consolidou através do que Marconi e Lakatos (2003, p. 155) consideram como pesquisa, por se tratar de “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.”

Assim, à contento do corpo estrutural do nosso artigo, trata-se de uma abordagem qualitativa, o que, para Marconi e Lakatos (2003), diz respeito a um tipo de pesquisa que tem como asserção análise e interpretação de aspectos mais profundos, de modo a descrever a complexidade do comportamento humano.

De acordo com essa abordagem, buscamos uma metodologia que cujas informações não são apenas de amostragem de dados, mas parte de interpretação de compreensão de informações da literatura. Dentro da perspectiva de metodologia, (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14) argumentam que esta “é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade”.

Para tanto, ao que se refere a objetivo podemos entender a presente pesquisa como sendo descritiva, que para Gil (2002), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Esta pesquisa torna-se descritiva interpretativa, ao apontarmos e analisarmos o funcionamento da linguagem e o comportamento dos sujeitos envolvidos.

Em se tratando dos dados analisados, os mesmos foram coletados em uma obra da literatura, escrita pelo francês Jean-Dominique Bauby, dessa maneira nossa pesquisa se caracteriza como documental. Ainda conforme Gil (2002, p.46), a pesquisa documental é classificada por “não exigir contato com os sujeitos”. Pesquisa esta que se insere ainda dentro do que Alves (2011) vê como objeto de pesquisa em literatura.

O objeto de pesquisa do estudioso da literatura são as obras literárias: romance, contos, poemas, peças de teatro, narrativas populares ou, mais especificamente, um tema ou a personagem de um romance, a significação que determinado espaço assume em uma obra, a maneira como o romancista ou poeta trabalham com o tempo [...] trata-se, como todos sabem de um objeto com características peculiares: tem um forte apelo conotativo, está investido de uma dimensão estética essencial (ALVES, 2011, p. 25-26).

Justificamos a recorrência à obra *O escafandro e a borboleta*, para realização dessa pesquisa, pelo fato de ser a síndrome do encarceramento uma condição rara, o que tornaria difícil realizar um estudo de caso, por exemplo, em uma investigação com dados primários.

Para alcançar o objetivo posto, recorreremos a proposta do envelope multimodal como uma categoria de análise dos vários modos de funcionamento da linguagem, sob a perspectiva da multimodalidade como produções mescladas e conjuntas de ações linguísticas (ÁVILA NÓBREGA, 2018).

## 4 COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA AUMENTATIVA

A comunicação alternativa ou comunicação alternativa aumentativa é a área da tecnologia assistiva que busca desenvolver meios alternativos de interação, temporária ou permanente, para sujeitos que sofrem com complicação motora grave e não podem utilizar a linguagem verbal (oral e escrita). Esses métodos vão desde instrumentos de baixa tecnologia até os de alta tecnologia e tem como objetivo dar alternativas, suplementar, complementar e ampliar a comunicação dessas pessoas (BRASIL, 2004).

Tecnologia assistiva é uma área multidisciplinar voltada à assistência da pessoa com deficiência, empenhando-se em desenvolver uma vida mais autônoma e participativa desses sujeitos promovendo a sua inclusão, valorização e integração no âmbito social. Nesse sentido, produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços com essas finalidades se constituem com parte dessa área do conhecimento (DUSIK, 2018).

Para a comunicação da pessoa com complicações motoras graves, o desenvolvimento de meios alternativos se mostra muito eficiente sendo, muitas vezes, a única forma de interação, dependendo da necessidade do sujeito. Esses meios alternativos de comunicação também podem ser entendidos com elementos de referenciação multimodal, quando compartilhado mutuamente por dois ou mais participantes de uma interação no contexto de atenção conjunta (ÁVILA NÓBREGA 2017; BRASIL, 2004).

## 5 ATENÇÃO CONJUNTA

Por ser o corpus da nossa pesquisa a interação com sujeito acometido pela síndrome do encarceramento, é importante apresentar os contextos de engajamento conjunto entre ele e a profissional de ortofonia (e outros participante que interagem). Outras tentativas de comunicação, nas quais ele não se utiliza do elemento de referenciação, veem apenas para corroborar com a nossa proposta sobre a importância da atenção conjunta na interação. Para isso, trouxemos contribuições de estudos sobre comunicação alternativa e referenciação multimodal (ÁVILA NÓBREGA, 2017; BRASIL, 2004; MELO, 2015).

Para corroborar com esse entendimento sobre a importância da atenção conjunta na construção do sentido, apresentamos uma passagem da obra na qual o sujeito acometido pela síndrome do encarceramento nos fala sobre as tentativas de comunicação com pessoas que não se utilizam do elemento de referenciação multimodal. O que, muitas vezes, provoca apenas a quebra da expectativa e sua frustração.

Infelizmente, embora a maior parte dos meus amigos tenha adotado o sistema depois de uma aprendizagem, aqui, no hospital, só posso praticá-lo com Sandrine e uma psicóloga. Na maior parte das vezes só disponho de um magro arsenal de mímica, piscadelas de olho e acenos de cabeça para pedir que fechem a porta, me dêem um pouco de água, baixem o som da televisão ou me subam uma almofada. Nem sempre consigo (BAUBY, 2007, p. 45).

Como podemos observar, não há uma comunicação efetiva sem o elemento de referenciação, tampouco uma interação. Por isso, entendemos que a partir do momento em que o adulto se encontra mergulhado em seu interior, em um estado de encarceramento, restando-lhe somente a linguagem e tendo o olho esquerdo como uma das poucas possibilidades de movimento e principal meio de interação, a produção gestual (direcionamento do olhar e movimentos do piscar) é o único caminho possível para que esse sujeito possa se utilizar, efetivamente, da linguagem (em interação face a face). Vale destacar que, para que isso ocorra é preciso recorrer aos modos alternativos de linguagem, produzindo elementos de referenciação multimodal que os possibilitem entrar em cenas de engajamento conjunto (ÁVILA NÓBREGA, 2017; BRASIL, 2004).

O seu interlocutor, por sua vez, como pessoa “típica”, quanto ao funcionamento linguístico, dispõe de várias possibilidades de interação (tanto da linguagem verbal quanto da linguagem não-verbal). Assim, cabe a este desenvolver meios alternativos de comunicação com aqueles sujeitos, colocando-os em situação de interação. Para tanto, é importante considerar a necessidade e possibilidade de cada participante para que a estratégia faça sentido, deixando-o em condições de interagir e construir os sentidos da conversação. Sobre isso, Ávila Nóbrega (2017) propõe que:

[...] as categorias e objetos do discurso (os referentes construídos interativamente e discursivamente) pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes nem dados, mas se elaboram no curso de sus atividades transformando-se a partir dos vários contextos de linguagem em que os sujeitos estão inseridos (ÁVILA NÓBREGA, 2017, p. 90).

Pelo fato de a interação com esses sujeitos acontecer, efetivamente, em contexto de referenciação multimodal, os conceitos de ação e atenção conjunta são muito importantes na investigação da linguagem em situação real de uso. Sobre esses termos faremos referência à estudos desenvolvidos pesquisadores como Melo (2015) e Ávila Nóbrega (2017).

Para Melo (2015, p. 58), em estudo aquisicionista da linguagem, o conceito de atenção conjunta reside no fato de que “[...] os dois parceiros da interação comunicativa e conjunta devem ter a consciência de que o objeto de atenção ou o evento observado são de conhecimento mútuo”.

Ainda sobre o conceito de atenção conjunta, Ávila-Nóbrega (2018, p.60), em estudo sobre engajamento conjunto e referenciação multimodal em crianças com Síndrome de Down, destaca que “Uma atividade, para ser considerada compartilhada ou conjunta, necessita de que cada interagente tenha a intenção de executar mutuamente aquela ação conjunta”.

Assim, refletindo sobre os conceitos apresentado pelos autores, podemos entender que o termo atenção conjunta se refere a capacidade de compartilhamento mútuo, pelos participantes da interação, tanto do elemento de referenciação quanto das ações do seu interlocutor (ÁVILA NÓBREGA, 2017; MELO, 2015).

Ao contrário do que nos dizem os referidos autores, se ambos os participantes da interação ou tão somente um deles (no processo de referenciação) não tem a capacidade de percepção visual da produção gestual do seu interlocutor, o sentido fica comprometido. Isso pode ser entendido ao lermos um trecho da obra, quando Bauby nos fala dos diferentes comportamentos diante dele, em referenciação ao código.

Os emotivos perdem-se mais facilmente. Com uma voz sem timbre, recitam o alfabeto a toda a velocidade, anotam algumas letras como lhes apetece e, perante o resultado sem pés nem cabeça, exclamam corajosamente: «Não tenho jeito para isto!» No fim de contas, isso torna-se repousante, porque acabam por tomar toda a conversa a seu cargo, fazendo perguntas e dando respostas sem que seja preciso eu intervir (BAUBY, 2007, p. 27).

No contexto apresentado acima, na interação entre Bauby e os participantes emotivos, temos a participação somente destes últimos operando para a comunicação. É notória a falta de percepção da intenção do seu interlocutor, em relação a sua produção gestual do piscar de olho e direcionamento do olhar. Isso acaba prejudicando a interação, no momento em que a sua colaboração não é considerada na construção do que seria o sentido colaborativo (ÁVILA NÓBREGA, 2017; MELO, 2015).

Assim, a interação acima se caracteriza apenas como uma ação conjunta o que, para Melo (2015), difere de atenção conjunta, ao afirmar que: “[...] uma intencionalidade compartilhada sem a garantia de que ambos os parceiros tenham essa consciência mútua do objeto de atenção compartilhado” (MELO, 2015, p. 58).

Esse conceito de ação conjunta, apresentado pela autora, pode ser percebido quando os participantes emotivos desconsideram as produções de Bauby, se responsabilizando em construir todo o sentido. No entanto, quando na interação temos a ação de ambos os participantes percebidas, nesse engajamento conjunto, a construção do sentido acontece efetiva e coletivamente e não sofre nenhum prejuízo. Vejamos:

Quanto aos minuciosos, esses nunca se enganam. Anotam cada letra escrupulosamente e não procuram descobrir o mistério de uma frase antes que esteja terminada. Também não posso contar com eles para completarem a mínima palavra. Não querendo tomar responsabilidade, nunca acrescentam por si próprios o «melo» ao «cogu», o «mico» a «ato» nem o «vel» sem o qual não existe «interminá» nem «insustentá» (BAUBY, 2007, p. 28).

Ao refletir sobre a interação acima e sabendo que ela é constituída em contexto de atenção conjunta, sob o elemento de referência, no qual um dos seus participantes só se comunica por meio do piscar do olho esquerdo, não é difícil entender que a matriz gestual, sendo a única possibilidade de comunicação, cumpre sua função comunicativa. De acordo com Ávila Nóbrega (2017), “A matriz gestual não ocorre sem objetivo discursivo. O estabelecimento de interação colaborativa se constrói a partir da percepção mutuas das ações visíveis do outro” (ÁVILA NÓBREGA, 2017, p. 53).

Com isso, entendemos que o comportamento de uns é totalmente diferente, de outros, frente ao interlocutor e ao elemento de referência. Isso é decisivo para o rumo da negociação de sentidos e da conversação. Ainda segundo o mesmo autor, “Nas cenas interativas, ou dialógicas, seja com crianças ou sujeitos adultos, o engajamento colaborativo para atingir determinados objetivos é fundamental, sem o qual seria difícil haver jogo social” (ÁVILA NÓBREGA, 2017, p. 62).

Os termos engajamento conjunto e atenção conjunta estão voltados para ação dos participantes da interação, em contexto de referência. E se preocupam se a construção do sentido está sendo realizada a partir da colaboração de ambos os participantes ou se a produção de algum deles não contribui nesse processo (ÁVILA NÓBREGA, 2017; MELO, 2015).

Com isso, podemos observar que o comportamento humano, em contexto de interação, é dinâmico e que a linguagem também se apresenta sob diferentes modos de funcionamento. Então, para alcançar nosso objetivo, foi preciso que recorrêssemos à uma perspectiva de linguagem que vai além dos aspectos verbais. Sobre esse mote trataremos no tópico seguinte.

## 6 MULTIMODALIDADE

Para o desenvolvimento dessa pesquisa partimos de um viés da linguagem que vai além dos aspectos verbais (língua falada e língua escrita), por entender que esta perspectiva não dá conta de explicar a interação humana em sua totalidade: a sua dinamicidade, em relação ao comportamento dos sujeitos, e ao próprio funcionamento da linguagem.

Por isso, recorremos os princípios da multimodalidade como a produção mesclada e conjunta de ações linguísticas (produção vocal, produção gestual, direcionamento do olhar), sendo produzidas em uma mesma matriz, no processo interativo, a partir da necessidade comunicativa. A multimodalidade tem sido estudada em diferentes países e sob diferentes abordagens. Aqui, no Brasil, destacam-se estudos sobre a linguagem desenvolvidos na UNICAMP e na UFPB (ÁVILA NÓBREGA, 2018).

Na UFPB, temos uma proposta muito interessante, que foi postulada por Ávila-Nóbrega (2018) em estudo aquisicionista da linguagem, sob o aspecto multimodal. O referido autor nos apresenta o conceito do “envelope multimodal” destacando que “Essa categoria analisa o encapsulamento de vários modos de funcionamento da linguagem, em situação de uso real” (ÁVILA NÓBREGA, 2018, p. 12).

Adotamos esses conceitos multimodais para analisar a interação em contexto de atenção conjunta na síndrome do encarceramento porque, além de serem de um contributo muito significativo para a investigação em contexto de aquisição da linguagem de crianças e de jovens com necessidades especiais, pode contribuir para investigar quaisquer sujeitos. Nas palavras do autor:

O tema multimodalidade e do envelope multimodal podem ser profícuos para outras instancias dialógicas entre outros sujeitos. Por exemplo, vivencias em creche, escolas, universidades, clínicas além de poder ser investigado em sujeitos com distúrbios de linguagem, envelhecimento etc. (ÁVILA NÓBREGA, 2018, p. 14).

Esses estudos, os quais concebem que a essência da linguagem se encontra além da escrita e da fala, vem ganhando espaço. Essa temática também é alvo de investigação de áreas afins, por exemplo, pesquisadores que se preocupam com o desenvolvimento de comunicação alternativas e aumentativas. Para citar, trouxemos algumas contribuições de Dusik (2018) onde ele aponta que a linguagem se apresenta sob diferentes modos de funcionamento. Sobre isso, diz o seguinte:

A Comunicação Alternativa envolve o uso de gestos, expressões faciais e corporais, sons, símbolos gráficos, fotografias, gravuras, desenhos, linguagem alfabética e ainda objetos reais, miniaturas, voz digitalizada, dentre outros, como meio de efetuar a comunicação de indivíduos impedidos de usar a linguagem oral (DUSIK, 2018, p. 88).

Ao entrar em contato com uma perspectiva que investiga a linguagem para além dos aspectos verbais, um dos questionamentos que podem surgir é o seguinte: Qual a importância de investigar a linguagem multimodal? Numa tentativa de satisfazer as indagações do nosso leitor, ressaltamos sobre a importância que tem a multimodalidade por nos proporcionar reflexões que nos tornem pessoas perceptivas das necessidades e possibilidades interativas do outro, que se encontra com algum distúrbio/patologia, assim desenvolver meios de colocá-los em situação discursiva.

A multimodalidade é contributo para que, não só os profissionais, mas, todos entendamos a linguagem como sendo capaz de se apresentar sob diferentes modos de funcionamento a partir da possibilidade de cada sujeito, pois este também é multimodal e mesmo frente a mudanças bruscas é capaz de utilizar a linguagem.

Além disso, amplia a empatia nos tornando mais perceptíveis, no que tange a necessidade de interação de pessoas com distúrbios de linguagem. Por exemplo, uma pessoa que tem contato com essa perspectiva da linguagem não vai enxergar, da mesma forma que o via antes, um sujeito com alguma patologia. Isso faz toda a diferença, principalmente, para a pessoa acometida que a partir de então poderá ganhar um pouco de autonomia.

Para corroborar com essa resposta, apresentamos algumas passagens da obra na qual o autor relata sua expectativa diante de um profissional do hospital que não o contempla, ao contrário o coloca em contexto de exclusão. “Com o meu olho válido, multipliquei os sinais interrogativos, mas o bom homem, apesar de passar os seus dias a perscrutar as pupilas dos outros, não aprendera a ler os seus olhares” (BAUBY, 2007, p. 58).

A partir dessa passagem, podemos entender que alguns profissionais, mesmo lidando diariamente com pessoas que têm distúrbios de linguagem, não são capazes de perceber que é possível interagir com esses sujeitos. Como nesse caso, em que o oftalmologista não contempla seu paciente o tratando como um mero corpo passivo e inerte.

Dito isto, entendemos que esses temas corroboram com a proposta do nosso trabalho na investigação de um contexto de uso real da língua com um sujeito que possui distúrbio motores e de linguagem causados pela síndrome do encarceramento, a qual trataremos com mais detalhes no tópico que se segue.

## **7 LOCKED-IN SYNDROME**

Esse foi o termo adotado pela medicina para nomear a síndrome do encarceramento. Além desses temos outras nomenclaturas que se referem a esta patologia, a saber: síndrome do enclausuramento, síndrome do homem fechado dentro, síndrome do homem fechado dentro de si mesmo, pseudocoma, estado de deafferentação, desconexão cérebro-bulbo-medular ou síndrome pontinha ventral (FARAGE FILHO; GOMES, 1982).

Essa patologia se caracteriza, principalmente, pela incapacidade de movimento voluntário dos músculos de todo o corpo (causada por lesão na região do tronco cerebral), preservação do nível de consciência, do movimento vertical do globo ocular e do piscar do olho. Assim, o paciente se encontra trancado dentro do seu corpo, porém com os processos mentais em pleno funcionamento. O

diagnóstico é realizado por imagem de ressonância magnética e exame minucioso do movimento vertical dos olhos (BARBOSA et al., 2021).

Em nossos achados, a primeira descrição de um sujeito com as características dessa síndrome é de contribuição da literatura francesa. Em 1845, o senhor Noirtier, umas das personagens da obra *O Conde de Monte-cristo*, de Alexandre Dumas, apresentava-se sob a condição de encarceramento tendo apenas os olhos como único movimento e meio de comunicação.

[...] Noirtier de Villefort, figura bastante sinistra do *Conde de Monte-Cristo*. Descrito por Dumas como um cadáver de olhar vivo, [...] Depositário impotente e mudo dos mais terríveis segredos, passa a sua vida prostrado numa cadeira de rodas e apenas comunica por meio de um piscar de olhos: uma piscadela quer dizer sim, duas, não. [...], é o primeiro caso de *locked-in-syndrome* e, até hoje, o único a aparecer na literatura (BAUBY, 2007, p. 53).

Como podemos observar, Jean-Dominique Bauby era leitor da referida literatura. Dessa maneira, já havia tido uma experiência com a síndrome do encarceramento, antes de sofrer o acidente vascular cerebral que, ironicamente, o levou ao mesmo estado. Ao falar sobre a sua saída do coma, ele diz:

Quando o meu espírito saiu da bruma espessa em que o meu acidente o havia mergulhado, pensei muito no avozinho Noirtier. Tinha acabado de reler *O Conde de Monte-Cristo* e eis que me encontrava no interior do livro, na mais incômoda das posturas (BAUBY, 2007, p.53).

Além desses casos presentes na literatura vale mencionar outro bem recente, agora na ciência. Um dos mais renomados cientistas do último século, sendo conhecido internacionalmente. Professor de matemática aplicada, de física teórica, da universidade de Cambridge, e doutor em cosmologia. Stephen William Hawking conquistou todo seu reconhecimento convivendo, desde a juventude, com a esclerose lateral amiotrófica (ELA) que o levou, gradativamente, a síndrome do encarceramento (VIEIRA, 2009).

A ciência só define o termo *locked-in syndrome* em 1966, com a publicação do trabalho *the diagnosis of Stupor and Coma*, de Alfred Plum e George Posner. Nesse período, segundo Angelin et al. (2020, p. 2), “[...] a SE foi definida como uma condição associada à lesão na ponte ventral, principalmente na artéria basilar, que ocasiona ruptura das vias corticoespinhal e corticobular, [...]”, ocasionando paralisia e incapacidade de falar.

Posteriormente, em 1979, novos estudos descrevem melhor essa patologia ainda pouco estudada, até então. A partir desse momento, a síndrome do encarceramento passou a ser subdividida em diferentes manifestações, de acordo com as possibilidades de movimentos apresentados pelos pacientes (ANGELI et al, 2020).

Com a publicação do artigo *Varieties of the locked-in syndrome* (1979), Bauer, Gerstenbrand e Rumpl introduziram a noção de três variantes para a síndrome do encarceramento: a *síndrome clássica*, na qual temos a paralisia do corpo inteiro, com a exceção dos movimentos vertical e piscar do olho; na *síndrome incompleta*, além de mover os olhos o paciente apresenta alguns outros movimentos, por exemplo expressões faciais, meneios da cabeça etc.; para a *síndrome total*, temos imobilidade todos os músculos, inclusive movimentos dos olhos (ANGELI et al., 2020).

Em território brasileiro, a síndrome do encarceramento, com se convencionou chamar aqui, só começa a ser estudada em 1982. As primeiras contribuições foram trazidas pelo hospital de Base do Distrito Federal- Brasília. A publicação de um artigo desenvolvido pelos neurocirurgiões Farage Filho e Gomes (1982) explicam melhor essa patologia, isso nos fornece pista para entendermos o que aconteceu com o sujeito que estamos investigando, por analisarem um quadro clínico com as mesmas características (preservação de consciência e movimentos do olho). Segundo os autores:

A substância reticular ativadora, responsável pela consciência se localiza acima do núcleo do nervo trigêmeo. Rigidez em descerebração, sem perda de consciência pode ser causada por lesão alta na ponte, sem atingir a substância reticular do mesencéfalo (Halsey e Dovynie). Portanto, uma lesão na ponte junto ou sobre o núcleo do nervo abducente, seccionando os traços córtico-espinhal e córtico-bulbar pode levar a tetraplegia, anartria e à perda de movimentos oculares, exceto o piscar e movimentos oculares verticais (FARAGE FILHO; GOMES, 1982, p. 298).

A pesar de ser uma síndrome rara, são várias as causas que podem levar alguém a desenvolver essa patologia, para citar algumas, temos: encefalite após vacinação contra gripe influenza, trombose, polineurite pós-infecciosa, sobredosagem por heroína, tumor, mielinólise central pontina, miastenia grave, polineurite, lesões vasculares ou desmielinizantes do tronco cerebral. Além de AVC isquêmico e a esclerose lateral amiotrófica, sendo os motivadores mais frequentes (FARAGE FILHO; GOMES, 1982; VIEIRA, 2009).

Por estarmos investigando a interação de sujeitos com uma patologia e sabendo que as nuances de linguagem emergem da expressão de qualquer parte do corpo humano, faz-se necessário que apresentemos os movimentos que o sujeito dessa análise consegue realizar. Considerar esses fatores é muito importante para a análise e desenvolvimento de meios alternativos de interação da pessoa com deficiência (ÁVILA NÓBREGA, 2018; DUZIK, 2018).

Nesse sentido, Bauby nos diz “Tenho o inconveniente de poder rodar a cabeça, o que, em princípio, não está previsto no quadro clínico. Como, na maior parte dos casos, as pessoas são abandonadas a uma vida vegetativa, conhece-se mal a evolução desta patologia” (BAUBY, 2007, p.16).

Além desse movimento de cabeça percebemos algumas expressões faciais, nas palavras do autor “[...] a zona estéril que me parece ter a consistência de um pergaminho, e a parte enervada onde ainda posso franzir uma sobrançelha. Como a linha de demarcação passa pela boca, só consigo esboçar meios sorrisos, [...]” (BAUBY, 2007, p. 22).

Diante do exposto, podemos afirmar que a patologia de Jean Dominique Bauby se caracteriza como *síndrome do encarceramento incompleta*. Essa variante é causada por lesão na pontina ventral, em decorrência principalmente de acidente vascular cerebral AVC (seja ele isquêmico ou hemorrágico), traumatismo e neoplasia (PEREIRA et al., 2020).

Nesta pesquisa, não nos preocupamos em realizar uma investigação detalhada sobre outros tipos de comunicação, sem o elemento de referência. Por exemplo, meneios de cabeça e expressões faciais (como franzimento de sobrançelhas e sorrisos)

Apenas, procuramos mencioná-las numa tentativa de ser o mais fiel possível as passagens da obra. Isso, por ser o nosso objetivo analisar os modos de

linguagem que emergem na interação face a face, em contexto de atenção conjunta com o elemento de referência.

## 8 LEITURA DA OBRA

Antes de iniciarmos a discussão de alguns contextos interativos, apresentados no livro, consideramos relevante fazer uma breve análise da obra. *Le scaphandre et le papillon* foi escrita e publicada na França, em 1997, com autoria de Jean-Dominique Bauby (sujeito da nossa investigação). Ela foi produzida sob a perspectiva do autor, pela forma como ele entendia o mundo e as mudanças internas após sofrer um acidente vascular cerebral- AVC, que o levou à síndrome do encarceramento.

O autor se utiliza de uma forte simbologia para intitular a obra e a sua condição de prisioneiro. A maneira como ele descreve os espaços, o paradoxo e a metáforas são as principais estratégias para a construção dos sentidos. Durante toda a narrativa, podemos perceber a presença de oposição de termos como: penumbra *versus* luz, mergulhar opondo-se a voar, vida passada e vida na sua prisão, como também entre as metáforas escafandro e borboleta.

Ao observarmos, percebemos que todas essas expressões estão voltadas umas às outras. Por exemplo, se pensarmos que o verbo mergulhar nos levaria a um lugar muito denso reduzindo a nossa capacidade de nos movimentar, dando uma ideia de inércia/prisão, nesse espaço dificilmente encontraríamos clareza. Ao contrário, essa mesma luz caracteriza o ambiente da nossa construção semiótica ao ouvirmos o verbo voar como sentido de liberdade, flexibilidade e leveza, pois somente podendo ser conjugado para expressar essa ação sob essas condições.

Assim, percebemos que a tessitura da obra ocorre sob um alinhamento muito delicado, no qual o autor fala das suas possibilidades da vida presente sem as ilusões da vida passada, nos mostrando seu amadurecimento. Essa mudança é perceptível quando ele nos relata a não atenção que dava as pessoas, com as quais ele mantinha relacionamentos diários.

Falam-me do sentido da vida, da supremacia da alma, do mistério de cada existência e, por um curioso fenômeno de inversão das aparências, são aqueles com quem eu havia estabelecido os relacionamentos mais fúteis que focam de mais perto estas questões essenciais. A frivolidade ocultava a sua profundidade. Estaria eu cego e surdo ou será necessariamente precisa a luz de uma desgraça para mostrar um homem à sua verdadeira luz? (BAUBY, 2007, p. 89).

Isso se dá pelo fato de que, ao mesmo tempo em que ele é essa prisão, o escafandro representa o casulo que oportuniza o seu prisioneiro evoluir/refletir. Nesse sentido, Bauby passou por um processo difícil e após perder tudo (até mesmo os mais simples movimentos) se reinventa/metamorfoseia, criando estratégias multimodais de comunicação para provar a sua potencialidade. A evolução exige resiliência e podemos perceber a sensibilidade adquirida quando ele destaca que:

Livre destas algazarras, no silêncio reconquistado, consigo escutar as borboletas que voam na minha cabeça. É preciso tomar muita atenção, manter-me mesmo em recolhimento, porque os seus batimentos de asas são quase imperceptíveis. Uma respiração um pouco mais forte basta para deixar de os ouvir. Aliás, isto é espantoso. A minha audição não melhora e,

no entanto, oiço-as cada vez mais nitidamente. Devo ter ouvido para borboletas (BAUBY, 2007, p. 103).

Agora, do interior do deus escafandro, olhando pela bolha de vidro dessa vestimenta de difícil flexibilidade, praticamente imóvel quando mergulhado na densidade, ele tem uma percepção muito mais apurada sobre seus antigos relacionamentos.

Assim como a larva precisa manter-se recolhida por muito tempo para desenvolver um lindo par de asas, foi nesse silêncio que Bauby passou a perceber o verdadeiro significado da vida. O amor pela sua identidade, pela família, as emoções e um pouco de fúria serviram de combustível para que ele se mantivesse firme.

Tanto como de respirar, preciso de me emocionar, de amar e admirar [...], para permanecer alerta e não me deixar cair numa morna resignação, conservo uma dose de furor, de indignação, nem curta nem excessiva, como a panela de pressão tem a sua válvula de segurança para não explodir (BAUBY, 2007, p. 61)

A borboleta, por sua vez, representa a vida na sua plenitude, sua leveza, sua liberdade e o seu “espírito vagabundo” (BAUBY, 2007, p.13). Que, preso em seu casulo, luta com todas as forças para se libertar e poder alçar voos mostrando suas belas asas (seu amadurecimento).

Essas metáforas o representam muito bem. Por não se contentar que a síndrome encarcerasse também a sua imaginação, ele encontra na linguagem um modo de fugir do seu cárcere. É após um enorme esforço físico e mental que ele nos mostra todo seu potencial nessa obra.

## 9 ANÁLISE

É a linguagem desses sujeitos o nosso objeto de estudo, como dito anteriormente, investigar essas estratégias de interação, sob uma perspectiva multimodal, foi o que nos levou a desenvolver essa pesquisa. Para corroborar com a hipótese, na qual apontamos ser a interação um meio de melhorar o prognóstico e a qualidade de vida desses sujeitos, trouxemos uma passagem da obra, sob a perspectiva da pessoa que sofre com distúrbio motores graves e tem essa oportunidade de interação com alguém que o contempla.

Para além dos aspectos práticos, esta incomunicabilidade pesa um pouco. Imagine-se como me sinto reconfortado duas vezes por dia quando Sandrine bate à porta, faz uma cara de esquilo apanhado em falta e expulsa de imediato todos os maus espíritos. O escafandro invisível que me envolve permanentemente parece menos opressivo (BAUBY, 2007, p. 46).

Um fator importante para análise dessa interação é a distância a ser estabelecida entre os interlocutores, pois a pessoa acometida perdeu a capacidade auditiva de um dos ouvidos. Ao passo que, no outro, a compreensão se limita a uma distância de dois metros e meio, no máximo. Assim, é imprescindível para o diálogo, que se busque uma proximidade confortável, para que o paciente possa envelopar também as produções vocais do seu interlocutor.

Para além dos diversos incômodos inerentes ao *locked-in syndrome*, sofro de uma grave perturbação dos meus suportes de beatas. Do lado direito estou totalmente surdo e do esquerdo a minha trompa de Eustáquio amplifica e deforma os sons para além de dois metros e meio (BAUBY, 2007, p. 101).

Diante do exposto, percebemos que a interação em análise só pode acontecer sob uma certa de proximidade. Sobre distância entre interlocutores na interação, Ávila-Nobrega (2018) destaca que “O estudo da relação de espaço e distância na interação interpessoal é denominado, pela literatura em Comunicação Não verbal, como proxêmica” (ÁVILA NÓBREGA, 2018, p. 38).

De acordo com as contribuições dessa ciência, os espaços entre os participantes podem se estabelecer a partir da necessidade de cada contexto, se classificando como: espaço *íntimo*, que vai desde o contato corporal a uma distância de até cinquenta centímetros. O espaço *casual- pessoal*, que parte do limite íntimo e vai até um metro e trinta centímetros. O *social-consultivo*, por sua vez, vai desde esta última distância chegando aos três metros e setenta centímetros. Por fim, temos o espaço *público*, que lida com discursos assumido distâncias a partir de três metros e setenta até o campo de visão e audição das pessoas (ÁVILA NÓBREGA, 2018, p. 39).

Esse último, por contemplar interações a uma distância maior, não se adequam a interação com Bauby, pois nesses limites ele não conseguiria compreender as produções voais do seu interlocutor. O espaço *íntimo* também não se adequaria a esse contexto por ser uma relação muito próxima, se tornando desconfortável. Assim, entendemos estar os limites mais confortáveis para essa interação entre os espaços *casual-pessoal* e *social-consultivo*, pois se iniciam após os cinquenta centímetros e perpassam o alcance da capacidade de compreensão auditiva de Bauby (até dois metros e meio) para que assim ele possa envelopar também essa produção vocal.

Outro fator importante são as interações que acontecem a partir da negociação de sentidos, ao se engajarem ambos os participantes construindo a atenção conjunta (nosso foco). Esse processo só é possível graças a um objeto discursivo, o elemento de referência estabelecido pela ortofonista, sem o qual não aconteceria a interação, pois é este que lhes proporciona o engajamento conjunto (ÁVILA NÓBREGA, 2017).

Por não estar especificado o tipo de apoio, utilizamos o termo “prancha de comunicação” para nos referir ao elemento de referência que foi desenvolvido para a interação com o sujeito em análise. Fizemos isso seguindo as descrições dos contextos comunicativos apresentados na obra *o escafandro e a borboleta* 2007 e no filme homônimo (adaptação da obra).

A prancha de comunicação é umas das formas utilizadas para a comunicação com pacientes com distúrbio de linguagem. Ela faz parte da comunicação apoiada sendo um suporte de ajuda básica/simples e de baixa tecnologia, na qual os sujeitos, por não possuíres capacidades de linguagem apenas com as partes do seu corpo, graças a complicações motoras severas, apoiam-se nesse tipo de ferramenta para interagir (BRASIL, 2004; DUSIK, 2018).

Há relatos de que desde as décadas de 60/70 do século XX, já tínhamos os primeiros usuários das pranchas de comunicação. Em fase de aquisição da linguagem, pacientes com paralisia cerebral e outras disfunções neuromotoras foram os primeiros sujeitos a se apoiarem nas pranchas. Nesse período, surge uma

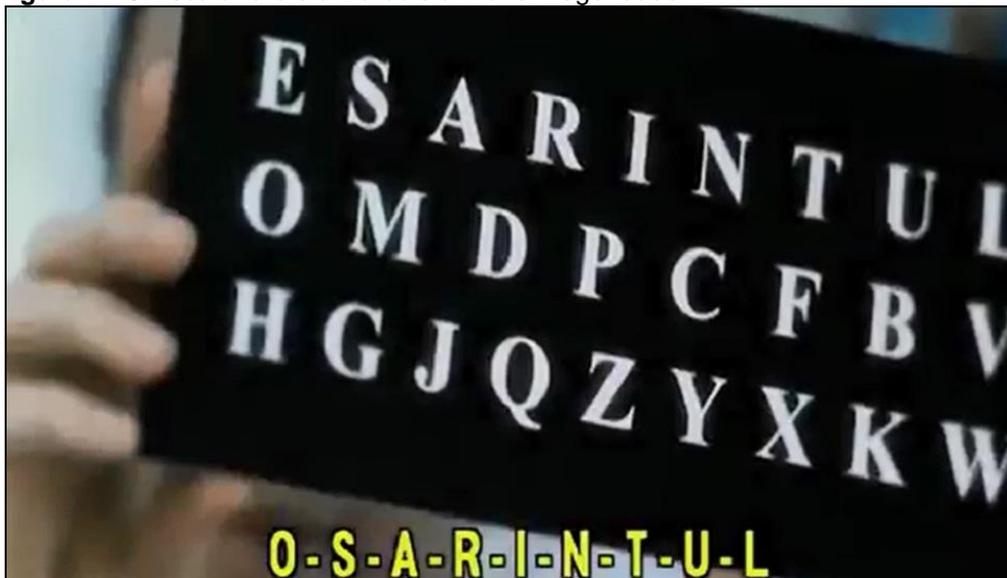
perspectiva que vai defender o uso simultâneo da fala e do gesto, a filosofia da comunicação total (CORTES, 2015).

Há uma passagem na obra na qual Jean-Dominique fala da importância que tem para ele esse elemento de referência. Segundo o autor, trata-se de “O código de comunicação sem o qual eu ficaria separado do mundo” (BAUBY, 2007, p. 45). Isso corrobora com a hipótese sobre a importância que tem a comunicação para melhorar a qualidade de vida desses sujeitos. Ainda sobre isso, Angelin et al. (2020) destaca que:

Quando impedido de estabelecer uma comunicação com o meio e executar suas atividades de vida diária de forma independente e autônoma, o sujeito pode sofrer consequências nos aspectos psicológicos e sociais, acarretando prejuízos em sua qualidade de vida (ANGELIN et al., 2020, p. 66).

Nesse sentido, a prancha de comunicação, por ser de baixa tecnologia, de baixo custo, podendo ser confeccionada de maneira prática (bastando apenas ser levado em consideração sua metodologia de uso) é muito acessível e se mostra muito eficaz. Por exemplo, a ortofonista do hospital de Berck, para a interação com Bauby, elaborou sua prancha do tipo alfabeto.

**Figura 1** - O Escafandro e a Borboleta Trailer Legendado.



**Fonte:** Modificado de Adoro Cinema (2015).

Como forma de facilitar a interação com o paciente acometido pela síndrome do encarceramento, a profissional de ortofonia elaborou uma prancha de comunicação ilustrando as letras do alfabeto numa sequência aparentemente desordenada, trata-se de uma reclassificação de acordo com a frequência de uso de cada letra na língua francesa (língua natural do paciente).

A reclassificação inicia-se a partir da letra mais usada seguindo essa ordem decrescente até a menos usada, dessa maneira, ele pôde se utilizar desse sistema e continuar interagindo. Podemos considerar isso como uma estratégia desenvolvida pela profissional para colocar o paciente em condições discursivas.

Esta estratégia desenvolvida, ao elaborar o elemento de referência, foi pensada para, além de colocar seu paciente em condições de interagir, melhorar a fluidez do discurso. Uma vez que, trazendo para o início da sequência as letras

usadas com mais frequência no francês, aumenta-se a possibilidade de encontrar o resultado já nas primeiras tentativas, assim, diminuindo os esforços físico e mental dos participantes da interação.

Sobre essa prancha de comunicação os participantes lançam, mutuamente, seus olhares. É esse elemento de referência que lhes possibilita estabelecer uma relação de engajamento conjunto, na qual todos os sentidos são construídos coletivamente. É a partir desse momento que emergem, concomitantemente, várias nuances de linguagem (produção vocal, produção gestual, direcionamento do olhar e a gesticulação do piscar), as quais são negociadas obedecendo o turno de fala onde os sujeitos ora envelopam, ora produzem esses modos de funcionamento, ao assumirem as posições de interlocutor e locutor, respectivamente. Assim, a atenção conjunta se mostra um momento privilegiado. (ÁVILA NÓBREGA, 2017, 2018; MELO, 2015).

O sistema é muito rudimentar. Vão-me passando os dedos pelo alfabeto versão ESA... até que, com um piscar de olhos, faço parar o meu interlocutor sobre a letra que deve anotar. Recomeça-se a manobra para as letras seguintes e, se não houver erros, em breve se obtém uma palavra completa, e depois segmentos de frases mais ou menos inteligíveis (BAUBY, 2007, p. 26).

Como podemos perceber, o paciente interage por meio do uso de questionamentos sobre as letras. Suas respostas são afirmativas ou negativas (características da prancha de comunicação). Nesse contexto, temos direcionamento do olhar, o apontar, o piscar de olho e a produção vocal atuando em concomitância para a compreensão dos sentidos. Para nós, todos esses modos de funcionamento cumprem um papel linguístico, não existindo nenhum tipo de hierarquia quanto a apresentação dessas emergências (ANGELIN et al., 2020; ÁVILA NÓBREGA, 2018).

O envelope multimodal, além de ser uma categoria de análise dessas diferentes emergências linguística, se preocupa também com as ações dos interagentes nas suas relações. Ávila Nóbrega (2018) destaca três tipos de atenção, a saber: *atenção de verificação* quando um olhar for direcionado sem a correspondência do interagente. *Atenção de acompanhamento* quando o interlocutor se mantém atuante nas cenas. E *atenção direta* é usada quando os participantes usarem uma ação gestual ou gesticulação significando um tipo de apontar (declarativos ou imperativos) (ÁVILA NÓBREGA, 2018, p. 88).

Numa tentativa de melhor representar nosso contexto enunciativo, apresentamos o envelope multimodal elaborado a partir da interação entre a pessoa com síndrome do encarceramento e a profissional do hospital. Vale destacar que nossa pesquisa é totalmente qualitativa e por isso os resultados apontados, bem como toda as informações que trouxemos até aqui, são frutos da nossa compreensão e interpretação, a partir das passagens da obra em questão e de pesquisas realizadas sobre esta.

**QUADRO 1** - Envelope multimodal interação entre a ortofonista e Bauby

Plano de composição	Ortofonista	Bauby
Olhar	Olhando para Bauby, apresenta a prancha de comunicação (atenção direta)	Observa as ações da profissional (atenção acompanhamento)

	Com a prancha em uma das mãos, olha para ela e para o olhar de Bauby. (atenção de direta)	Lança seu olhar para a prancha e para o olhar da sua parceira (atenção de acompanhamento)
Produção vocal	Mantendo a atenção, realiza a pronúncia do alfabeto versão ESA...	*
Gesto	Ao passo que realiza a produção vocal, corre o dedo sobre os códigos da prancha de comunicação (gesto declarativo)	Envelopa essas produções e age com o piscar do olho esquerdo para que ela pare e anote aquela letra (gesticulação imperativa)

**Fonte:** Modificado de Ávila Nóbrega (2018, p. 102).

Analisando o contexto acima, temos, na primeira coluna à esquerda, as emergências multimodais (olhar, gesto e produção vocal) compondo o envelope. Vale ressaltar que, para nós, todas essas manifestações linguísticas emergem mutuamente após o engajamento de ambos os participantes. Esses negociam todos os sentidos dessa interação, desde as primeiras ações conjuntas até a produção gestual.

Nas duas colunas seguintes, temos as ações dos participantes. Analisando o nosso envelope, percebemos que é com os movimentos dos olhos, direcionamento dos olhares, que os sujeitos investigados dão início a interação acima. Sobre essa capacidade de mostrar nossas intenções comunicativas através dos olhos, Ávila-Nóbrega (2018) destaca que: “Com a direção do nosso olhar, abrimos ou fechamos o canal de nossa comunicação” (ÁVILA NÓBREGA, 2018, p. 60).

Para esse trabalho, estamos considerando o piscar de olho, realizado pela pessoa com síndrome do encarceramento, sendo uma gesticulação. Por não ser um movimento convencional, ao invés ele é um ato individual e característico desse sujeito, o qual mesmo não havendo a presença da produção vocal contém essa carga semântica e pode estar substituindo o apontar clássico, por exemplo, solicitando uma ação da sua parceira.

Estudos já mostraram que algumas estratégias com o movimento ocular foram concebidas como sinais dêiticos, com o objetivo de levar o interlocutor a encontrar um objeto. Nesse sentido, Bauby, ao piscar o olho esquerdo, tem a intenção de levar a ortofonista a realizar uma produção escrita (ÁVILA NÓBREGA, 2018).

Outra nuance que merece destaque é o gesto dêitico, realizado pela ortofonista, como uma emergência que colabora para a interação mantendo a atenção de ambos os participantes sobre a prancha de comunicação. Ainda seguindo as contribuições desse ator, podemos afirmar que o gesto produzido pela profissional pode ser classificado como sendo relacionado ao fluxo de fala e cumpre diferentes funções como: pontuação visual para o discurso do interlocutor e auxiliar na regulação e organização do diálogo entre os dois “interagentes” (ÁVILA NÓBREGA, 2018).

Desse modo, o clássico apontar e a gesticulação do olho esquerdo são as emergências gestuais que ocorrem com mais frequência descrita nas linhas da obra em análise. Esse último é realizado sob duas maneiras diferentes. Quando acontece de forma única, é um gesto que confirma a sua intenção. Sendo realizado em uma sequência de duas piscadas, ele nega o questionamento do seu interagente e

solicita que o sentido deva ser negociado novamente, desse modo, esse movimento ocular foi realizado de forma estratégica.

Apesar de a produção gestual da ortofonista cumprir sua função comunicativa, é possível que, em algum momento da interação, o seu interlocutor precise de outra nuance para ampliar a sua compreensão. Envelopar a produção vocal vai, certamente, melhorar a interação da pessoa acometida com a síndrome do encarceramento. Mantendo a atenção de ambos os participantes e dando ritmo e sonoridade ao discurso do locutor e a compreensão de interlocutor, respectivamente. Assim, a relação gesto-fala se mostra mais efetiva que dissociação de ambos (ÁVILA NÓBREGA, 2018).

Diante disso, a audição é uma das principais formas de compreender o mundo ao nosso redor. Se, por exemplo, pensarmos que por muito tempo discussões do senso comum nos levaram ao entendimento de que a pessoa surda não desenvolvia a modalidade falada da língua porque era “muda”. Sendo que, na verdade, o que acontece é que ela não a desenvolvia pelo fato de nunca ter tido contato com a produção vocal, de modo que a possibilitasse ouvir e envelopar essa linguagem.

Assumimos a responsabilidade de não investigar a produção escrita como sendo uma emergência que faz parte da composição do nosso objeto de estudo, por ser o objetivo de analisar as emergências que ocorrem em concomitância. Entendemos que somente o olhar, o gesto e a produção vocal atuam mutuamente na negociação e cooperação dos sentidos. Essa compreensão antecede, em um pequeno intervalo de tempo, a escrita que está voltada para a materialização de todo o processo. Pois, pode haver compreensão sem escrita, mas essa não pode haver sem a primeira.

Diante a isso, não queremos deixar de apontar as contribuições da produção escrita. Entendemos que ela é fundamental, pois, além de ser a concretização de todo o processo, atua como auxílio da memória permitindo que o interlocutor de Bauby não esqueça o andamento da interação.

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A síndrome do encarceramento é capaz de tirar os movimentos do ser humano, mas é preciso mais que isso pra lhe roubar a sua identidade, o que tem de mais valioso, a capacidade de se comunicar e de se fazer ativo nas suas relações sociais.

Alguns estudos já foram realizados sobre a comunicação de pessoas acometidas com essa patologia, principalmente com objetivo de desenvolver e analisar o funcionamento de alguma tecnologia para esse contexto de comunicação. Por ser uma síndrome que compromete severamente os movimentos do corpo, mas preserva o estado consciência, se faz necessário a investigação de meios alternativos que coloquem esses sujeitos em situação de interação.

Diante dessa necessidade, nossa proposta foi analisar os modos de linguagem que emergem na interação face a face entre adultos, na síndrome do encarceramento. Nosso objetivo foi alcançado e com resultado apontamos que nesse tipo de conversação, interação face a face, somente a partir da atenção conjunta que surgem vários modos de funcionamento da linguagem (olhar, gesto e produção vocal), esses atuam mutuamente para a compreensão dos sentidos.

Nossa temática dialoga com a comunicação alternativa e aumentativa, a área da tecnologia assistiva que busca desenvolver modos alternativos de interação (temporários e/ou permanentes) com toda e qualquer pessoa que sofre com disfunções motoras graves e que estão impedidos de falar e escrever.

Essas pesquisas já mostraram resultados desenvolvendo e analisando tipos de auxílios para melhorar a linguagem desses sujeitos, que agora já podem contar com recursos tecnológicos que vão desde teclados visuais que rastreiam os movimentos dos olhos até outros que captam as intenções e as converte em voz.

Esses últimos são suportes muito eficientes para a comunicação dessas pessoas, sendo sofisticados e de alta tecnologia. Mas, para esse momento, assumimos a responsabilidade de analisar a interação face a face, por entender que é um contexto privilegiado quando se objetiva investigar dinamicidade do comportamento humano e a multimodalidade do funcionamento da linguagem.

Essa pesquisa pode ser de interesse profissionais de diferentes áreas como: professores, estudantes da linguagem, profissionais de atendimento educacionais especializados (AEE), terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, cuidadores e familiares de pessoas que sofrem disfunções motoras graves. Além de servir como motivação para outras possíveis investigações multimodais, com por exemplo, sobre a aquisição da linguagem de pessoas com síndrome do encarceramento, visto que não é uma patologia que se desenvolve apenas em adultos.

## REFERÊNCIAS

ANGELIN, Anaisa Carolina et al. Abordagem interdisciplinar na síndrome do encarceramento: relato de caso. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 24, n. 1, p. 54-73, jan./abr. 2020.

ÁVILA NÓBREGA, Paulo Vinícius. **O sistema de referência multimodal de crianças com síndrome de Down em engajamento conjunto**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

\_\_\_\_\_. **Estudo do envelope multimodal como uma contribuição para a aquisição da linguagem**. Curitiba-PR: Appris Ltda, 2018.

BARBOSA, Talita Costa et al. Síndrome do encarceramento: revisão de literatura. In: I SIMPÓSIO DE NEUROCIÊNCIA CLÍNICA E EXPERIMENTAL: NEUROINFLAMAÇÃO E NEUROINFECÇÃO. 29 de mar. 2021. Disponível em: <<https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SIMPNEURO/issue/view/107>>. Acesso em: 19 de mai.2021.

BAUBY, Jean-Dominique. **O escafandro e a borboleta**. Tradução de Clarisse Tavares. Lisboa: Livros do Brasil, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/140803764/O-Escafandro-e-a-Borboleta-Jean-Dominique-Bauby>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Portal de ajudas técnicas para educação**. Fascículo 2. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/comunicacao.pdf>>  
Acesso em 21 de abr. 2021.

CORTES, Clarice das Chagas. **Comunicação Alternativa**. 2015. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

DUSIK, Claudio L. **A interação entre Interface Cérebro Computador e sujeitos com incapacidade motora grave para comunicação**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Núcleo de Informática na Educação Especial. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FARAGE FILHO, Miguel; GOMES, Mauro de Paiva. Síndrome do encarceramento (locked-in syndrome): registro de um caso e revisão de literatura. **Arquivos de neuro-psiquiatria**, v. 40, n. 3, p. 296-300, set. de 1982.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza. **Cenas de atenção conjunta entre professoras e crianças em processo de aquisição da linguagem**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PEREIRA, Ana Luiza Guilhermino et al. Síndrome do encarceramento (locked-in) por isquemia de região pontina, relato de caso. In: SILVA NETO, B. R. da (Org.). **Frente diagnóstica e terapêutica na neurologia**. Ponta Grossa PR: Atena Editora, jan. 2020. p. 170-173. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/28736>>. Acesso em: 07 de maio 2021.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem. 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*.

SITE ADOROCINEMA.COM. **O Escafandro e a Borboleta Trailer Legendado**. 26 de janeiro de 2015. II. color. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=O+escafandro+ea+borboleta+trailer+legendado&client=firefox-b-d&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwii0eu9uZDwAhW4IbkGHYgZAR0Q\\_AUoBHoECAEQBg&biw=1366&bih=654#imgrc=3S-CF1hx0VDXGM](https://www.google.com/search?q=O+escafandro+ea+borboleta+trailer+legendado&client=firefox-b-d&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwii0eu9uZDwAhW4IbkGHYgZAR0Q_AUoBHoECAEQBg&biw=1366&bih=654#imgrc=3S-CF1hx0VDXGM)>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

VIEIRA, Tiago Figueiredo. **Dispositivo de tecnologia assistiva baseado no processamento em tempo real de imagens do globo ocular**. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

## AGRADECIMENTOS

Ao criador do universo e senhor da minha existência, pela dádiva da vida, pelo fôlego, energia, ousadia e permissão para falar deste silêncio.

Ao meu pai, Valdemir Maurício, por todo esforço e incentivo para que eu pudesse estudar.

À Maria de Lourdes dos Santos, por todo amor materno que a mim foi dedicado.

Aos meus irmãos que não tiveram a mesma oportunidade, no entanto sempre me deram uma palavra de apoio.

À esta instituição, por todo o conhecimento ofertado.

Ao meu professor e orientador Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, por ter me apresentado a multimodalidade, me inspirado com a sua dedicação e me orientado até aqui.

Aos todos os meus professores que contribuíram para a construção da minha bagagem de conhecimento.

A todos os colegas da turma 2016.1, especialmente as pessoas de Joanderson Santos, Iara Cristina, Jéssica Azevedo e Natália Rodrigues, pelo companheirismo e apoio nos momentos mais difíceis na academia.

Aos meus amigos- e são tantos- que contribuíram direta ou indiretamente para que eu realizasse meu objetivo.

À minha esposa, Karina que tão bem zela pela nossa galega dos olhos verdes, que desempenhando o seu papel de mãe, tantas vezes, precisou desempenhar o de pai, quando eu precisei ser pesquisador.

Quero agradecer, ainda, a Jean-Dominique Bauby (*In memoriam*) por não ter desistido da vida quando ela o rejeitou. E a todos os portadores da síndrome do encarceramento que não se deixam silenciar.